

31 outubro 21h30
 auditório TAGV
 duração aprox. 1h15
 M16

TEXTO E ENCENAÇÃO

Elmano Sancho

INTERPRETAÇÃO

Custódia Gallego, Duarte Melo,
 Elmano Sancho, Lucília Raimundo,
 Rafael Carvalho

VOZES

Borja Luna, Claire de Oliveira, Jéssica
 da Silva, Lola Castelões, Nadav
 Malamud, Oksana Mykolyash

CENOGRAFIA

Samantha Silva

FIGURINOS

Ana Paula Rocha

ASSISTENTE DE FIGURINOS

Sílvia Costa

DESENHO DE LUZ

Pedro Nabais

ESPAÇO SONORO

Frederico Pereira

ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO

Paulo Lage

COPRODUÇÃO

Culturgest, Loup Solitaire, Teatro
 Diogo Bernardes, Teatro Viriato,
 Casa das Artes de Vila Nova de
 Famalicão, TAGV, Teatro Virgínia

APOIO FINANCEIRO À CRIAÇÃO

República Portuguesa – Cultura /
 Direção-Geral das Artes, Câmara
 Municipal de Lisboa

OUTROS APOIOS

Teatro Aveirense, CAE Portalegre,
 Companhia Olga Roriz

PARCERIA

ABRAÇO, ACEGIS, AGUINENSO,
 APOIAR

Cordeiros de Deus ou Soldados da Esperança Elmano Sancho

Na era atual da Infocracia (Byung Chul-Han/2022), a falta de ideais mina a coesão social: desaparece a empatia pelo outro e, por conseguinte, a escuta e o discurso; perde-se o sentido do coletivo e do bem comum. O sacrifício como pagamento de dívidas morais ou contributo para os interesses de um grupo deixou de fazer sentido. E, no entanto, o sacrifício não é destruição real; é a dor, a loucura, a entrega, a inquietação de que precisamos para continuarmos a acreditar que conseguimos salvar o mundo.

O sacrifício foi, desde sempre, eternizado através de estátuas erigidas em nome dos heróis e/ou vítimas de cruéis eventos históricos: o corpo real torna-se, assim, corpo representado. Os memoriais edificados materializam a emoção do intangível; imortalizam uma história que se decidiu lembrar e contar e que não pode cair no esquecimento. Recordamos o nome de alguns; os outros constituem uma massa uniforme de mortos engolidos pela magnitude de um acontecimento trágico. As noções de memória e representatividade provocaram, recentemente, uma série de insurgências, levantando uma questão central: o que queremos lembrar através dos símbolos que habitam o espaço urbano? Que corpos e linguagens foram esquecidos e se tornaram invisíveis nas nossas cidades? Na mitologia grega, o ritual catártico, de caráter ambíguo/duvidoso, eliminava os indivíduos considerados “inferiores” para aliviar as tensões sociais da *polis*. Estes fundamentos psicológicos da eleição dos *pharmakós* chegaram aos dias de hoje, revestidos de uma aparência mais subtil, mas nem por isso menos perversa. Quais os grupos considerados responsáveis pelos problemas de uma cidade/país? Quem são os *Cordeiros de Deus* sacrificados nos crimes de ódio indiscriminados a que hoje assistimos? E amanhã, quem irá sucumbir ao contexto atual da crise económica e social, com a ascensão da extrema-direita, o incremento da intolerância, o aumento do fluxo de refugiados, o desastre humano/climático, as guerras europeias/mundiais?

O tema central do espetáculo é o sacrifício entendido como sinal de libertação. O Deus do Judaísmo-Cristianismo não quer mais o sacrifício real (Mateus 12, 7). A palavra divina interrompe a encenação sacrificial, salva o filho de Abraão, substitui-o por um cordeiro e abre caminho ao diálogo. Nesta proposta, o sacrifício não é sinónimo de violência indiscriminada/reprovável, mas o meio para reafirmar o diálogo.

O espetáculo - ficção distópica e (pós) apocalíptica – tem como ponto de partida o relatório Pilecki. Witold Pilecki entregou-se às SS, voluntariamente, com o intuito de criar uma organização clandestina de resistência em Auschwitz e para redigir um documento: o único relatório existente sobre os primeiros anos nos campos de concentração que daria a conhecer ao mundo o terror da *Shoah*. Este sacrifício, que deve ser contextualizado - hoje, Pilecki poderia não atuar de igual modo (“Vamos morrer pelas ideias, sim, mas de morte lenta” Georges Brassens) –, é o mote para lançar as premissas de uma obra sobre a resistência, que se apoia em artistas como David Wojnarowicz, Nan Goldin, Francis Bacon, Angelica Liddell, Pier Paolo Pasolini, o historiador René Girard (“A Violência e o Sagrado”) e a filósofa Anne Dufoumantelle, mas, também, na história das gerações perdidas, bem como no estudo da simbologia, léxico e meios de luta que surgiram contra a inércia política: genocídio, triângulo rosa invertido (depois apropriado pela Act Up), artivismo-graffiti, linguagem audiovisual/publicitária, logo/lema, memorial, vala comum, testemunho real, cântico/ofrenda/totem. Alguns rituais simbolizam o que se poderá entender como sacrifício “total”: todas as quintas-feiras, às 15h30, desde 1977, as Mães de Maio manifestam-se na praça de maio pelos filhos desaparecidos durante a ditadura militar da Argentina.

Mas, afinal, quem são as pessoas que se sacrificam? Sacrificam-se de forma voluntária ou são forçadas? E o que significa o Sacrifício, hoje, na sociedade individualista da perversão, ancorada na falsa ideologia de segurança e na ausência de comunidade?

A estrutura do texto é composta por dez quadros que retratam um determinado período da história. Cada quadro representa uma conversa, silenciosa, com figuras reais ou imaginárias:

Witold Pilecki (Segunda Guerra Mundial); Hebe de Bonafini (Mães de Maio); David Wojnarowicz (Epidemia do VIH/SIDA); Gaël Faye e Beata Umubyeyi Mairesse (Genicídio do Ruanda); Susan Sontag (11 de setembro de 2001); Laurent Gaudé (Atentados de Paris de 2015); Delphine Horvilleur (Conflito Israelo-Palestiniano) e Deus (atualidade).

O vaivém entre o íntimo e o universal, a seriedade e o humor, a esperança e o desespero, a dúvida e o conhecimento, o desconforto e a incerteza, pauta a história que, aqui e agora, se procura contar: a da defesa incessante da democracia e da liberdade, ontem, hoje e amanhã.

EXCERTO DO TEXTO CORDEIROS DE DEUS OU SOLDADOS DA ESPERANÇA,
DE ELMANO SANCHO

Existe sempre alguém que morre para salvar o mundo.

É assim.

Jesus morreu para salvar a humanidade.

Pessoas que poderiam ter mudado o mundo morreram.

Com SIDA.

Com COVID.

Em guerras desleais.

É assim.

Precisamos de sacrificados para continuarmos vivos.

De gerações perdidas.

De pessoas que morrem por nada.

É assim.

Da mesma forma que precisamos de empregadas domésticas.

De lixeiros.

De putas.

De coveiros.

De anjos silenciosos que limpam a merda do mundo.

Enquanto o tempo demolidor passa.

Enquanto os soldados da esperança morrem.

Enquanto os sobreviventes procuram a felicidade, com os olhos postos no futuro.

Do sangue das jovens promessas, resta a memória da beleza, que se eternizou.

E nós?

Os outros?

Envelhecemos.

Tornamo-nos naquilo que, teimosamente, quisemos evitar.

A criança que fomos, o cordeiro puro, sem manchas, sem defeitos, sem pecados, assiste, impotente, ao desmoronar dos seus sonhos.

Cordeiro de Deus, que tireis o pecado do mundo, tende piedade de nós. Cordeiro de Deus, que tireis o pecado do mundo, tende piedade de nós. Cordeiro de Deus, que tireis o pecado do mundo, dai-nos a paz.